

Cinema de Animação e Educação Artística no Ensino Básico

Ana Barbeiro

Cine Clube de Viseu, Instituto Piaget – ISEIT/Viseu e CIPsi – Universidade do Minho

Nesta apresentação discutem-se formas de como a realização de pequenos filmes de animação no Ensino Básico pode constituir-se como um dispositivo de educação artística. Sendo uma arte complexa, caracterizada pela articulação de diversas disciplinas artísticas e por componentes específicas às artes audiovisuais, pode funcionar, mais especificamente, como um dispositivo de expressões artísticas integradas. Acrescente-se a isto a sua ligação íntima com a educação para os media, a possibilidade de integração de outras áreas curriculares e transversais ao currículo do ensino básico e o seu carácter lúdico.

Assim, esta articulação complexa pode constituir um potencial de exploração criativa a múltiplos níveis. Os alunos transformam-se em pequenos criadores, cujas competências artísticas específicas são valorizadas, ao contribuir para uma criação colectiva – o filme de animação.

No entanto, a complexidade da realização de um filme exige também uma orientação do trabalho por profissionais ligados ao cinema de animação, em colaboração com os professores. Deste modo, poderão articular-se objectivos artísticos e métodos pedagógicos, conhecimentos dos métodos criativos e das dinâmicas específicas do grupo-turma.

Também é importante a tomada de decisão sobre quais os processos e competências a intencionalizar em cada intervenção, de forma a que ela não se limite a uma abordagem superficial de “tudo” o que a realização de um filme pode implicar. Por exemplo, este processo de realização colectiva pode focalizar-se em formas de literacia artística ligadas ao cinema, às artes visuais e performativas e à música; mas também pode ter um papel instrumental, ao permitir trabalhar temáticas transversais ao currículo, no âmbito do argumento cinematográfico, e ao constituir-se como um dispositivo de educação para os media. O próprio produto das actividades – o filme de animação

realizado pelos alunos – pode ser utilizado de acordo com estas vertentes, transformando-se num instrumento pedagógico.

Por outro lado, o contexto de realização dos filmes de animação é também um aspecto relevante para a eficácia deste dispositivo; a instituição onde se trabalha, o espaço físico, o envolvimento de outros actores e a cultura específica da comunidade onde se intervém são alguns aspectos que organizam o processo de aprendizagem. A criação de parcerias que aproveitem os contributos específicos de cada actor/instituição potencializa a diversidade de aberturas a outras formas de criação/fruição cultural. Assim, os filmes podem ser realizados na sala de aula, chamando à escola os profissionais da animação, os artistas da comunidade e outros actores sociais – por exemplo as famílias. Mas também os espaços museológicos, os teatros e as bibliotecas podem transformar-se em estúdios de cinema de animação, proporcionando aos pequenos criadores oportunidades de descoberta destes espaços e incorporando nos filmes os recursos destes contextos (e.g., cenários, objectos). Ao mesmo tempo, a ida dos artistas à escola e a ida dos alunos/criadores aos contextos de criação e fruição cultural permitem concretizar uma articulação entre educação formal e não formal.

As formas de organização e financiamento deste tipo de intervenção são também um aspecto crítico no que se refere à sua eficácia. A estabilidade dos programas de apoio, a articulação entre os parceiros locais e nacionais, e entre os investimentos públicos e privados (e.g., mecenato) são ideais predominantes nos discursos institucionizados, mas com múltiplos obstáculos à sua concretização. Será importante agilizar os concursos de financiamento, a autonomização das escolas, a valorização e a independência das associações culturais locais.

Estas e outras linhas de reflexão serão exploradas nesta apresentação, a partir das experiências de trabalho da equipa do Cine Clube de Viseu nesta área.